

**COMISSÃO DE AVALIAÇÃO EXTERNA
DOS CURSOS DE BELAS-ARTES E DESIGN**

LICENCIATURA EM DESIGN INDUSTRIAL

UNIVERSIDADE LUSÍADA DE LISBOA

JULHO 2005

Índice

I. INTRODUÇÃO	2
1. Constituição da Subcomissão	
2. Objectivos da Avaliação	3
3. Método de trabalho	3
4. Descrição da Visita	5
II. APRECIACÃO POR CAMPOS DE AVALIAÇÃO	7
1. Organização Institucional	7
2. Objectivos do curso	8
3. Plano de estudos	8
4. Conteúdos programáticos	9
5. Alunos (procura, sucesso escolar)	10
6. Processo pedagógico	12
7. Corpo docente	13
8. Pessoal não docente	14
9. Instalações e equipamentos	15
10. Recursos financeiros	16
11. Relações externas e internacionalização	17
12. Ambiente académico (Apoio social)	18
13. Gestão da qualidade	18
14. Empregabilidade	19
III. APRECIACÕES FINAIS	20
Classificação dos Campos de Apreciação	22
IV. ANEXOS	
a) Termos de Referência	i
b) Plano de visita	iii

I. INTRODUÇÃO

Tem, este relatório e o processo de avaliação em que se baseia e do qual procura dar testemunho das suas conclusões, como único objectivo contribuir para a melhoria da licenciatura que lhe foi atribuída, como objecto da sua apreciação.

Nas finalidades desta avaliação externa, não está um propósito de hierarquizar os cursos, nem um juízo classificativo geral do curso, muito menos atitudes fiscalizadoras dos métodos e dos processos actuates, mas, sim, propósitos de apreciação e de reconhecimento das condições humanas e materiais em que a licenciatura de Design Industrial se desenvolve e apresenta.

A Subcomissão tem consciência das dificuldades da sua acção, pela subjectividade de toda e qualquer apreciação valorativa nos vários campos académicos; tem, também, presente as diferenças dos cursos, em si, e a sua inserção social e conjuntural, diversidade que a Subcomissão tenta perceber, agindo com rigor, isenção e com toda a prudência que este processo reclama.

Procuramos, assim, testemunhar, do curso, uma apreciação possível da coerência da sua prática no contexto da aprendizagem, que vem justificar o seu ensino teórico-prático.

O desenvolvimento deste relatório tem, como base, todos os dados fornecidos pelos documentos da responsabilidade da Auto-Avaliação, como, também, dos esclarecimentos e reconhecimentos adquiridos na visita e de todos os esclarecimentos que a Subcomissão recebeu dos responsáveis do curso.

A Comissão de Avaliação Externa tem um Presidente, os Vice-presidentes, Vogais e Assessores necessários em função do número de cursos a avaliar e das Subcomissões.

1. Constituição da Subcomissão

A Subcomissão de Avaliação Externa do curso de Design Industrial da Universidade Lusíada de Lisboa foi constituída pelos seguintes elementos:

Presidente: Professor Catedrático da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa – Joaquim Manuel Lima de Carvalho

Vogal: Professor Auxiliar Convidado da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa – Vítor Manuel Teixeira Manaças

Vogal: Professor Convidado da Escola Universitária das Artes de Coimbra – José Rui de Carvalho Mendes Marcelino

Assessor: Professor Associado da Universidade de Aveiro – Vasco Afonso da Silva Branco

Secretária: Dr.^a Carla Vieira

2. Objectivos da avaliação

O principal objectivo da avaliação externa é completar e aprofundar, quanto possível, o entendimento já adquirido através do relatório de auto-avaliação. Neste âmbito, a Subcomissão procurou certificar-se das condições físicas capazes de proporcionarem a formação desejada aos futuros licenciados, como, também, certificar-se dos resultados obtidos. Foi, ainda, propósito da Subcomissão, apreciar todos os dados importantes que permitiam uma avaliação objectiva e correcta do curso, em si, e a sua resposta à comunidade em geral.

A Subcomissão de avaliação procedeu a uma análise atenta das condições que suportam o curso, com o objectivo de propor iniciativas para uma possível melhoria de qualidade.

3. Método de trabalho

A Subcomissão começou por receber exemplares do relatório de auto-avaliação, que, posteriormente, foram analisados por todos os seus membros, separadamente, tendo

suscitado posteriores trocas de observações e de opiniões; as questões em aberto foram apresentadas e esclarecidas junto dos responsáveis do relatório de AA, na visita à instituição.

A visita proporcionou um melhor entendimento do curso e esclareceu dúvidas existentes, quer acerca do processo organizativo, quer acerca do entendimento geral de todos os itens de referência; o método teve a maior importância no seguimento da reflexão, com base em todos os dados, nas reuniões que antecederam a visita e nas reuniões posteriores, com os elementos da Subcomissão.

Foram tomados como factores de orientação, os seguintes pontos: os termos de referência, que constituem o quadro director da avaliação externa e são orientações com o propósito de permitirem a apreciação em campos precisos, tentando-se, assim, definir um sentido objectivo e concreto, e evitar, quanto possível, critérios díspares de qualidade; o perfil do curso e dos seus formandos e agentes; neste particular, a Subcomissão atendeu à caracterização do curso, ao plano de estudos, aos programas das disciplinas, ao corpo docente e ao corpo discente, à gestão pedagógica do curso, à avaliação dos conhecimentos, às instalações, ao equipamento científico-pedagógico e às saídas profissionais.

Os campos de apreciação e níveis de classificação foram orientados de modo a que, da análise de cada campo de apreciação, corresponda a atribuição de uma classificação por níveis, segundo as letras A, B, C, D e E. Estas classificações foram estabelecidas pela Fundação das Universidades Portuguesas/Conselho de Avaliação, nos seguintes termos:

A – Excelente.

B – Muito Bom: Sem problemas estruturantes detectados com eventuais pequenos problemas de importância secundária para a organização e funcionamento.

C – Bom: Pode haver pequenos problemas de alguma relevância para a organização e funcionamento do curso, mas resolúveis ao nível do departamento ou da coordenação do curso.

D – Suficiente: Problemas estruturantes detectados que implicam intervenção institucional de nível mais elevado, mas onde se encontra dinâmica positiva que admite a sua ultrapassagem a curto prazo.

E – Insuficiente – Graves deficiências, algumas de natureza estruturante, com reduzidas perspectivas de recuperação imediata.

Ao analisar cada campo e ao dar uma classificação, foi propósito da Subcomissão alertar os responsáveis do curso, para os problemas que se considerou merecerem uma atenção especial. Estamos conscientes que ao classificar, há sempre, como já dissemos, um certo grau de subjectividade. Esta avaliação qualificativa é restrita a cada campo, caso a caso e a assunto a assunto.

Tanto a classificação como a leitura dos conteúdos do relatório devem ser revestidos de toda a prudência, pois estamos conscientes da sua relatividade.

4. Descrição da visita

A visita realizada, pela Subcomissão da Avaliação Externa, ao curso de Design Industrial, da Universidade Lusíada de Lisboa, (e as consequentes reuniões com todos os responsáveis ligados à licenciatura) teve lugar no dia vinte e nove de Abril de 2005, e contou com a presença de todos os elementos da Sub-comissão e da Dr.^a Carla Vieira, que secretariou todos os trabalhos. Esta visita teve o início às nove horas, tendo, a Subcomissão, sido recebida pelo Reitor, Professor Diamantino Gomes Durão, pelo Director do Departamento de Design Industrial e Coordenador da Comissão de Auto-Avaliação, Professor Joaquim Braizinha, pelo Secretário do Departamento de Design

Industrial e Vice-Director da Fundação Minerva, Professor Horácio Bonifácio, pela Dr.^a Cristina Baptista e delegados do curso.

Após os cumprimentos, realizou-se a primeira reunião com os autores do Relatório de Auto-Avaliação, reunião onde foram esclarecidos alguns pontos que suscitaram dúvidas à Subcomissão.

Pelas onze horas, seguiu-se uma reunião com os Representantes dos Estudantes, reunião onde foram colocadas questões ligadas aos problemas do curso; terminada esta reunião, seguiu-se a visita às instalações; visitaram-se várias salas de aula, auditórios, pavilhão de aulas, salas de informática, pavilhão-mediateca, sala temática, sala de audiovisuais, biblioteca e sala de leitura, oficina (Espaço Lusíada), livraria e gabinete médico.

Pelas quinze horas, realizou-se nova reunião com os alunos do curso, num dos anfiteatros, que teve um número de estudantes significativo, onde foram tratados vários temas, com uma desinibida participação dos estudantes. Seguiu-se uma outra reunião com os docentes do curso, tendo estado presentes quinze professores; a reunião decorreu com todo o interesse, tendo sido tratados vários problemas do curso e para o curso, como, também, para as carreiras profissionais dos docentes.

Pelas dezassete horas, realizou-se uma reunião de acesso livre, que teve a presença de professores, funcionários e alunos, como também do Director do Departamento. A reunião contou com trinta e cinco pessoas no seu todo, tendo sido tratados problemas de âmbito mais geral, do interesse de todos e do curso, em especial; antes de terminar todos os trabalhos anunciados no programa, foi, ainda, efectuada uma visita à exposição de Design, com exercícios práticos realizados pelos alunos do curso, que foi apresentada na zona “nobre” das instalações da Universidade. Por último, a Subcomissão reuniu-se, em separado, para preparar as conclusões preliminares, que foram expostas verbalmente aos Professores Leite Pinto, Joaquim Braizinha, Horácio Bonifácio, aos Delegados do Curso e a alguns funcionários. Após estas conclusões, decorreram os cumprimentos de despedida, com toda a cordialidade.

II. APRECIACÃO POR CAMPOS DE AVALIAÇÃO

1. Organização Institucional

A licenciatura em Design Industrial, da Universidade Lusíada de Lisboa, está inserida num departamento, dentro de uma estrutura organizada, que o Diário da República, de 3-12-1996-II série, define com clareza e rigor, nomeadamente na sua composição orgânica e distribuição de competências. Uma rede eficaz de competências científicas e pedagógicas que tem, como principal responsável, o Reitor. É, também, de referir a importância do Conselho Superior, do Conselho Directivo, do Conselho Pedagógico – Científico, do Conselho Coordenador, como órgãos da Universidade, e dos Conselhos Científico, Pedagógico e Escolar Departamentais. A Direcção do Departamento, onde esta licenciatura se insere, tem como responsável o Professor Joaquim Braizinha, sendo, Secretário do Departamento, o Professor Horácio Bonifácio. O Departamento de Design tem as suas competências bem definidas e capacidade de eleger os seus representantes, desde o Conselho Superior ao Conselho Pedagógico – Científico da Universidade, bem como ao Conselho Pedagógico e Científico da respectiva área.

Como é referido no Relatório de Auto-Avaliação, há uma ligação/interacção entre os vários departamentos.

A Direcção do Departamento tem uma coordenação vertical, por grupos de disciplinas, nomeadamente, disciplinas de Design, de Desenho, História, Ciências Exactas e Ciências Sociais e Humanas. Todos estes grupos são orientados por coordenadores que regulam os objectivos das disciplinas. Assim se compreende que o curso esteja completamente inserido e articulado numa estrutura com capacidade de desenvolver projectos consistentes. É importante que a relação institucional seja clara, de modo a que todos os membros do curso se sintam responsabilizados para colaborar na prossecução dos objectivos do Departamento.

Nível de classificação - B

2. Objectivos do curso

Os objectivos do curso encontram-se definidos, no relatório de Auto-Avaliação, não no capítulo que os anuncia, mas no capítulo sobre a estrutura curricular e a organização em ciclos, em que assenta o curso. Os objectivos fundamentais desta licenciatura estão apresentados mais explicitamente no capítulo “Breve Descrição do Contexto em que o Curso Foi Criado”, onde se diz “Design, como um dos factores imprescindíveis para a qualificação da produção industrial e, consequentemente, para a competitividade, internacionalização e sucesso das empresas”, como, também, na “formação pluridisciplinar completa e qualificada, pautada por elevados níveis de exigência e rigor”. Estes propósitos apontam para uma clareza de objectivos, com relevância no tecido social e económico da região e do país.

A estrutura do plano de estudos assenta em três ciclos: o 1º ciclo, Analítico, essencialmente propedêutico; o 2º ciclo, de síntese e de simulação de casos e o 3º ciclo, pré-profissional, com o consequente grupo de disciplinas que respondem aos objectivos do curso de Design Industrial. É evidente a preocupação de tornar a iniciação científica abrangente aos vários domínios tecnológicos, devendo esta estratégia curricular ser reforçada com disciplinas de opção, para uma mais completa resposta aos objectivos do curso.

Nível de classificação - C

3. Plano de estudos

O plano de estudo em análise é muito recente e foi aprovado pela Portaria 773/99, de trinta de Agosto, situação que não permite uma perspectiva de recuo para uma avaliação mais profunda do actual curso, resultante desta reforma. Este plano de estudos é consequente de experiências anteriores, desde 1995, ano em que este ramo de ensino foi autorizado a ser ministrado pela Universidade Lusíada. As sucessivas alterações curriculares tiveram sempre propósitos louváveis de adaptação às exigências que o curso ia suscitando.

A concepção curricular obedece a critérios lógicos e resolve o desenvolvimento contínuo do curso. A organização curricular está definida em campos que cobrem basicamente as exigências pedagógicas de um curso de Design Industrial, no nosso país. As disciplinas nucleares de Design constituem a base fundamental do curso. Um grupo de disciplinas complementares enquadram os saberes culturais, históricos e críticos. Outro grupo de disciplinas tem, como finalidade, desenvolver as capacidades de representação gráfica e apresentação projectual. O plano de estudos inclui, ainda, um grupo disciplinar de desenvolvimento das capacidades produtivas e tecnológicas. O plano deveria comportar mais opções tecnológicas, tanto no plano científico, como no plano da “produção” e oferecer um leque mais amplo de variantes interdisciplinares. Este plano de estudos é servido e apoiado por uma organização de tempo e espaço minimamente adequado às exigências do curso. É de realçar a interacção que plano de estudos permite, no que toca à utilização de um espaço comum, vocacionado para a experimentação projectual, possibilitando o contacto com outros planos de estudo que são, sem dúvida, elementos de confronto e de estímulo.

Nível de classificação - C

4. Conteúdos programáticos

O relatório de Auto-Avaliação apresenta, nas páginas 53, 54 e 55, uma grelha esquematizada com os “conteúdos programáticos”, que na preocupação de se tornarem de fácil leitura, são, em si, excessivamente lacónicos e, por isso, pouco elucidativos, como é o caso das disciplinas de Materiais e Tecnologias I e II , Desenho I e II , Oficina I e II , Teoria do Design II. Segundo o entendimento da Subcomissão, as disciplinas de História da Arte apresentam conteúdos com preocupações que se cruzam com o Design, preocupações válidas, num certo contexto, mas discutíveis ao nível de uma pluralidade de conhecimentos. Os propósitos de pluralidade devem corresponder correctamente à formação básica, tendo, como prioritária, a especialidade das disciplinas.

Na tabela VI, integrada no volume de Anexo I, são apresentados os conteúdos dos Programas, aí, sim, com desenvolvimento já suficiente para uma análise criteriosa em quase todas as disciplinas, mas, mais uma vez, surgem programas resumidos que se apresentam apenas com duas linhas escritas, ou, mesmo, só uma, situação que contrasta com programas extensos.

Deve ser dedicada mais atenção ao equilíbrio dos conteúdos, para responder à formação e informação que acompanha os cinco anos curriculares, correspondendo, quanto possível, a uma lógica pedagógica tanto no sentido horizontal como vertical. A título de exemplo, a disciplina de Design atravessa todos os anos curriculares, esgotando a quase totalidade dos saberes do curso, sem contemplar devidamente outras áreas de conhecimento.

Nível de classificação - C

5. Alunos (procura, sucesso escolar)

Segundo o procedimento de admissão de estudantes ao curso de Design Industrial da Universidade Lusíada, estes deverão preencher cumulativamente as seguintes condições: ter concluído o Ensino Secundário, ter realizado as provas de ingresso que a Universidade exige para o curso pretendido e ter obtido a classificação mínima exigida pela Universidade. O contingente de estudantes do curso é de cento e trinta e seis, distribuídos pelos cinco anos, deste modo: 1º ano, vinte e seis; 2º ano, vinte e sete; 3º ano, dezanove; 4º ano, trinta e dois; 5º ano, trinta e dois. Verifica-se uma pequena diminuição do número de estudantes, nos dois primeiros anos curriculares, tendência que está a generalizar-se em muitos cursos universitários.

Mais preocupante é o valor a retirar da tabela 8 e tabela 7, que é a discrepância entre os alunos admitidos, sessenta e quatro, e os alunos que efectivamente se inscreveram, vinte e seis.

Para além de vários mapas com classificações em Geometria Descritiva, Português, História de Arte, Matemática e exames nacionais, realça-se as classificações de candidatura dos admitidos, cuja nota oscila entre 17,4 e 9,5-10,4. O mapa refere-se aos estudantes admitidos, mas não aos que efectivamente se inscreveram no curso. Seria importante uma informação mais completa, com referência às médias dos alunos inscritos.

No número de vagas para a inscrição no curso, verifica-se que, no ano lectivo de 1999-2000, para cem vagas, houve cento e sessenta e quatro candidatos, tendo ingressado trinta e oito, situação que se inverteu totalmente: em 2003, para oitenta e duas vagas houve sessenta e seis candidatos, que acabou por resultar em vinte e seis inscrições. Este contingente é muito inferior às vagas, tal como tem vindo a suceder aconteceu nos quatro últimos anos. O grande fluxo de estudantes do curso é oriundo de Lisboa.

Outro número de reflexão é o decréscimo de licenciados que tem vindo a verificar-se, não sendo, contudo, possível retirar conclusões precisas, pois o número de licenciaturas obtidas, em 2003-2004, está por concluir, atendendo às datas da organização do Relatório de Auto Avaliação, terminado antes da “época especial”.

Relativamente às conclusões sobre o sucesso escolar, a Subcomissão não tem dados precisos de aferição, mas tendo em atenção o sucesso por disciplinas, julga-se de expressão percentual normal.

A Subcomissão ouviu os alunos do curso, tendo sido, naturalmente, feitos alguns reparos, nomeadamente, não terem colaborado na feitura dos horários lectivos, sendo eles a parte mais interessada. Alguns consideram o curso longo. Os reparos criaram discussão entre os próprios estudantes, que não têm qualquer apoio para as actividades, como, por exemplo, as visitas realizadas a Foz Côa e a Barcelona, para as quais não tiveram qualquer financiamento; foi também referido que o diálogo entre alunos e docentes é bastante informal, sendo facilitado pelo facto de serem poucos alunos.

A Subcomissão após as reuniões onde estiveram os estudantes do curso – reunião com os Representantes dos Estudantes, reunião com os alunos do curso e reunião de

acesso livre – apercebeu-se do bom ambiente escolar entre estudantes, professores e responsáveis do curso; também sentiu o empenho com que apresentaram o curso em que estão envolvidos.

Nível de classificação - C

6. Processo pedagógico

Nos cursos com disciplinas teóricas e teórico-práticas, com as habituais dificuldades de articulação e conjugação, surgem sempre críticas por parte dos alunos. À Subcomissão foi dito, na reunião com os alunos, que não há conjugação entre as teóricas e o projecto. Tendo em conta esta observação expressa pelos alunos, deve haver uma preocupação maior na articulação e complementaridade entre as disciplinas. Dentro deste campo é de salientar a Mediateca, que é uma mais-valia, como é a Biblioteca; estes serviços de apoio, com um horário muito alargado, são enriquecidos com uma editora da própria Universidade, que edita textos da autoria dos docentes, para apoio às matérias leccionadas.

O processo pedagógico conta com o apoio de um sistema informático, tendo, os estudantes, a possibilidade de acesso permanente a professores e colegas. Também é facultado, a todos os estudantes do curso, o acesso a bases de dados internas e externas, disponíveis pelo serviço de documentação. O curso possui meios de resposta efectiva ao insucesso, através da análise sistemática, efectuada pelo Conselho Coordenador. Dentro das medidas postas em prática, verifica-se a alteração dos processos de leccionar, recorrendo, por vezes a meios informáticos, como, também, à realização de aulas extra, de dúvidas, que estão ao cuidado dos regentes das disciplinas, facto que é de destacar.

Dentro deste campo é de salientar a Mediateca, que é uma mais-valia, como é a Biblioteca; estes serviços de apoio, com um horário muito alargado, são enriquecidos com uma editora da própria Universidade, que edita textos da autoria dos docentes, para apoio às matérias leccionadas.

O sistema de avaliação é, como se diz, parte integrante dos estatutos da Universidade Lusíada, que contemplam vários capítulos, nomeadamente, provas de frequência, exames, alunos militares, revisão de provas e melhorias de classificação; todos estes capítulos se desdobram em pontos e alíneas que dão uma cobertura capaz e rigorosa ao processo de avaliação de conhecimentos e aproveitamento.

Nos cursos com disciplinas teóricas e teórico-práticas, com as habituais dificuldades de articulação e conjugação, surgem sempre críticas por parte dos alunos. À Subcomissão foi dito, na reunião com os alunos, que não há conjugação entre as teóricas e o projecto. Tendo em conta esta observação expressa pelos alunos, deve haver uma preocupação maior na articulação e complementaridade entre as disciplinas.

O órgão que trata dos assuntos de natureza pedagógica é designado, na Universidade Lusíada, por Conselho Pedagógico e Científico Coordenador. Neste órgão, com competências verticais, o “peso” dos estudantes é diminuto. A Subcomissão sentiu esta situação com alguma apreensão, dada a fragilidade, ao nível pedagógico, resultante da presença de apenas um aluno, por cada ano do curso.

Nível de classificação - B

7. Corpo docente

A Subcomissão, ao emitir opinião sobre o corpo docente, tem como base os dados apresentados no Relatório de Auto-Avaliação e contactos proporcionados na visita realizada, que se desdobrou nas reuniões específicas.

Na tabela 13, apresenta-se vinte e um docentes envolvidos na docência do curso. Estão representados em várias categorias e graus académicos, sendo, três professores, associados, e dois professores, auxiliares, o que dá uma percentagem de 33%. Ligeiramente mais baixa, a percentagem de doutorados é de 23,8%. A percentagem de não doutorados é, ainda, muito significativa.

Na tabela 14, vários dados são apresentados, encontrando-se um número elevado de docentes que acumulam a sua actividade de professor com outras, quase na percentagem de 42%. Há docentes que, ao terem cargas horárias elevadas, de aulas semanais, não garantem, certamente, uma acção docente eficaz, situação esta que julgamos será resolvida a curto prazo.

Encontra-se também grandes desequilíbrios nas horas semanais dedicadas a outras actividades, como é o caso do atendimento aos alunos e da investigação, tendo sido esta situação apresentada e discutida no encontro com os docentes.

A Subcomissão analisou os currículos do corpo docente e tendo cruzado dados, encontrou qualidade e competência nos docentes. Este aspecto foi sublinhado pelo testemunho dos alunos e pelos exercícios expostos que são resultado substancial das suas actividades. Verificou-se, também, o empenho e a capacidade participativa dos docentes, na reunião com a Subcomissão, em que estiveram presentes quinze professores. Esta atitude repetiu-se na reunião de acesso livre, com um número mais significativo de docentes e na visita às instalações do curso.

É de sublinhar a participação do Director do Departamento Professor Joaquim Braizinha e do Professor Horácio Pereira, como de todos os que esclareceram a actividade lectiva, quando acompanharam a visita à exposição.

Nível de classificação - C

8. Pessoal não docente

O número de pessoal não docente é de trinta e nove elementos, com um número apreciável de licenciados: dezasseis. Nove elementos são possuidores de cursos técnico profissionais e seis funcionários estão habilitados com o 12º ano. Os restantes elementos possuem o 11º ou 10º ano. Assim, se constata um grau de qualidade dos serviços em que este pessoal está integrado.

A biblioteca e a mediateca absorvem catorze elementos dos trinta e seis, numa percentagem de 35% do total dos funcionários, o que se considera apreciável.

É certo que este contingente de pessoal não serve unicamente o curso de Design Industrial, mas todos os outros doze cursos da Universidade Lusíada de Lisboa.

Ao analisar as categorias e as funções do pessoal, verifica-se a falta de técnicos de apoio às oficinas (tecnológicas), serviço esse importante para apoiar os alunos das disciplinas específicas e possibilitando, assim, um horário mais alargado de utilização dessas instalações.

Em todos os esclarecimentos pedidos, é de referir a atenção manifestada pelos funcionários que nos receberam.

Nível de classificação - B

9. Instalações e equipamentos

Neste campo de apreciação recomenda-se uma organização equilibrada entre espaços comuns e espaços específicos. É com grande dificuldade que a Subcomissão pode distinguir os espaços afectos ao curso, dos espaços comuns a outros cursos. Seria interessante conhecer o grau de utilização dos espaços que estão ao serviço do curso e que se repartem actualmente por doze ou, mesmo, catorze cursos. Os dados apresentados no Relatório de AA são equívocos e não permitem um entendimento claro.

Seguindo as informações recebidas e os aspectos observados durante a visita, a Subcomissão reconhece que o campus da Universidade tem suficientes salas de aula equipadas com retroprojectores; dentro, ainda, dos espaços comuns, estão três anfiteatros bem apetrechados para vídeo-conferências e tradução simultânea, com instalação sonora, gravadores, e projectores de slides; no capítulo das instalações há a registar, também, duas salas de convívio com espaço para grande número de estudantes, duas salas de estudo com capacidade suficiente, restaurante-cantina, cafetaria-bar, uma papelaria e reprografia, duas livrarias, uma de carácter geral e outra destinada aos alunos, gabinete

médico e um gabinete de apoio psicológico; todos estes lugares dispõem de um horário alargado de funcionamento. A Subcomissão compreende que foi difícil a implantação da universidade no seu campus, dada a desarticulação dos espaços, situação que ainda se verifica e que provoca anomalias em todas as actividades. Neste conjunto de espaços, poucos são os afectos ao curso, não sendo mencionadas, na Tabela 3, as oficinas específicas do curso ou, então, surgem com outra designação (a designação mais próxima é a dos laboratórios de informática). Na visita, foi-nos possibilitado ver um grande espaço, comum a vários cursos: uma oficina (oficina-atelier), lugar que julgamos importante.

No capítulo de equipamento, a Subcomissão viu ou teve conhecimento de todo o equipamento informático: computadores disponíveis, em número de cento e quarenta e nove, com acesso à Internet; leitores de D.V.D, em número de oitenta; projectores multimédia, portáteis, treze no total; projectores multimédia fixos, seis. Este equipamento está parcialmente em conformidade com as necessidades do curso.

A Subcomissão manifestou, aos responsáveis da licenciatura de Design Industrial, a falta de equipamento básico-tradicional, nomeadamente, estiradores e falta de equipamento básico para as oficinas, como também a necessidade de uma ferramentaria, aberta a todos, com possibilidade de requisição de ferramentas e maquinaria.

Nível de classificação - C

10. Recursos financeiros

O Relatório da Auto-Avaliação apresenta um quadro dos recursos financeiros utilizados pelo curso, quadro esse que não é acompanhado de elementos justificativos e explicativos, talvez pela aparente evidência dos números e pelo carácter macro-financeiro. No quadro das observações nada é dito, encontrando-se metade da página em branco. As observações poderiam ser muito pertinentes para perceber as oscilações orçamentais de ano para ano. Por exemplo, no ano civil de 2002 verifica-se um decréscimo nos recursos, sem justificação aparente. Nos dois anos civis que englobam o

ano escolar de 2003-2004, a Subcomissão tem dificuldade em perceber as percentagens de financiamento do curso: 98% pessoal, 2% de funcionamento. Perante estes dados, parece haver consequências directas na aquisição e manutenção do equipamento de apoio às aulas. A informação é muito reduzida, não há cálculo de “custo aluno”/ano, não há dados relativos ao custo de cada diplomado, não surge fundamentação dos valores expressos.

11. Relações externas e internacionalização

Os serviços de apoio aos programas de mobilidade estão, como se depreende do Auto-Relatório, inseridos no gabinete Sócrates/Erasmus da Universidade Lusíada de Lisboa. É afirmado que estão a ser desenvolvidas diligências no sentido de estabelecer acordos com outras escolas, mas, como é dito, infelizmente, todas as tentativas têm saído frustradas. Situação que a Subcomissão sublinhou aquando da visita, considerando, como um dos pontos fracos, a não participação no programa Erasmus, impossibilitando, assim, os estudantes de poderem frequentar outras licenciaturas congéneres, para não mencionar o caso dos docentes que devem participar em projectos de mobilidade.

A Subcomissão tem dificuldade em compreender que o “não acordo” resulte do facto das licenciaturas de Design, nas Escolas de Roma, Veneza e Milão, terem apenas três anos lectivos; a permuta poderia ser de disciplina a disciplina e não por semestre ou ano lectivo.

Mais incompreensível é a falta de participação dos docentes na mobilidade internacional (permuta de docentes, nesses mesmos cursos de Design das Escolas de Roma, Veneza e Milão).

Nível de classificação - E

12. Ambiente académico (apoio social)

A Subcomissão, após todos os trabalhos realizados e feitas todas as análises ao processo, não tem a menor hesitação em comunicar que o ambiente académico é Bom, classificação justa, pois encontrou tanto no corpo docente como discente uma boa relação interactiva, que foi testemunhada nas reuniões onde os estudantes estiveram presentes.

O ambiente académico é sustentado também por todos os espaços comuns que dão qualidade e desenvoltura a todos os trabalhos; os horários amplamente alargados das bibliotecas, dos serviços administrativos, da oficina, comum a todos, são infra-estruturas que favorecem o ambiente académico. É de referir que, durante a visita, foram feitas, pelos estudantes, afirmações como “o diálogo entre alunos e docentes é bastante informal, sendo facilitado pelo facto de serem poucos os alunos”. O número reduzido de alunos do curso contribui para um ambiente cordial que a Subcomissão presenciou.

O apoio social na Universidade Lusíada de Lisboa é forte. Os estudantes beneficiam de apoio médico com um centro clínico que funciona em horário muito alargado; também dispõem de um Gabinete de Acção Social, para atribuição de bolsas de estudos; têm, também um conjunto de seguros amplos. Estes serviços sociais são completados com um gabinete UNIVA, que desenvolve métodos de orientação profissional, nomeadamente na orientação de currículo.

A Subcomissão ficou bem impressionada com todos estes serviços de apoio social e com o ambiente académico, sendo, contudo, alertada, pelos estudantes, para a falta de residências académicas.

Nível de classificação - C

13. Gestão da qualidade

No conjunto de todos os dados fornecidos pelo Relatório de Auto-Avaliação, verifica-se que o Curso de Design Industrial da Universidade Lusíada de Lisboa, desde a sua criação, passou por sucessivas alterações (reformas) curriculares, sempre com a

louvável preocupação de melhoria da qualidade do curso. Conhecendo, todos os elementos da Subcomissão, por experiência própria, as dificuldades que as alterações curriculares provocam, as alterações efectuadas pelos responsáveis do curso são prova factual de uma gestão de qualidade empenhada.

Outro factor de gestão de qualidade é a existência de um Gabinete de Auto-Avaliação da Universidade, “que apoia de forma contínua e em exclusividade todos os processos desta natureza”.

A Subcomissão lamenta que o auto-relatório apresentado não tivesse sido mais preciso e melhor explanado, evitando os cinco volumes que provocam algumas dificuldades de análise, pois seria um importante instrumento de apreciação da qualidade interna. Mas apesar das lacunas, e dos desequilíbrios que algumas tabelas apresentam, a Subcomissão acredita que este processo, no seu todo, ajude para o êxito do curso.

A Subcomissão quer ainda sublinhar o interesse manifestado pelo Director do Departamento, Professor Joaquim Braizinha, pelo Secretário do Departamento, Professor Horácio Bonifácio, como, também, por todos os professores mais jovens, todos eles agentes primordiais para gestão de qualidade.

Nível de classificação - C

14. Empregabilidade

Dentro deste campo de apreciação é de sublinhar que os serviços de apoio aos estudantes têm um gabinete: Unidade de Inserção na Vida Activa, serviço, este, acreditado pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional. A UNIVA orienta os recém-licenciados, nas respostas aos anúncios de emprego, na elaboração dos currículos, nas estratégias de pesquisa de emprego, em informação sobre o mercado de trabalho.

Outro instrumento que colabora no sistema de empregabilidade, não directamente mas em complementaridade, é a Associação dos Antigos Alunos da Universidade Lusíada.

Na análise do quadro “Situação dos Licenciados Perante o Emprego” verifica-se que a relação entre o total de licenciados e os três campos mencionados – número de desempregados, licenciados que prosseguiram os estudos e intervalo de tempo até obtenção de emprego – não é demonstrativa, pois os números oscilam entre 0, 1, 2 e 3. Nas observações deste quadro, refere-se que num universo de cento e quarenta e nove alunos, a quem foram enviados inquéritos, responderam só vinte e quatro, o que dá uma percentagem de 16%, também não significativa. Verifica-se, contudo, que três licenciados não estão a trabalhar, três, prosseguiram os seus estudos, o que dá, no total, uma percentagem de 24%, fora do mercado de trabalho. Todos estes números têm uma importância pouco ou nada significativa, perante a escassez de respostas.

A empregabilidade conjuga-se e justifica o primeiro ponto dos objectivos do curso; justifica, mas não impede que outros objectivos prevaleçam, considerando a mais-valia cultural e académica que representam. Os cursos e o conhecimento que lhes está afecto não devem estar exclusivamente sujeitos à conjuntura macroeconómica de um país ou conjunto de países..

Nível de classificação - D

III. APRECIACÕES FINAIS

A Universidade Lusíada de Lisboa apresenta uma organização com uma estrutura orgânica que lhe permite uma responsabilidade institucional, em conformidade com a orgânica das Universidades Portuguesas. O funcionamento dos cursos é correcto e bem articulado.

Os objectivos do curso de Design Industrial estão bem definidos e têm toda a importância numa sociedade válida e organizada. O plano de estudos tem consistência, mas apresenta ligeiras lacunas, nomeadamente, em disciplinas de opção de índole artística, tecnológica e cultural. Os conteúdos programáticos, no seu todo, cumprem os

objectivos. O corpo docente é qualificado e apresenta capacidades de progressão académica e científica, a vários níveis, não devendo os docentes ser prejudicados pela forte carga horária atribuída, que lhes retira eficácia no exercício das funções lectivas.

O curso está integrado num conjunto de outros cursos, o que lhe permitiria desenvolver sinergias muito profícuas, caso a implantação e a estrutura física dos espaços fosse planificada de raiz. O facto da implantação dos espaços ter as características actuais provoca um “constrangimento” que a todos perturba. Por último, a Subcomissão não pode deixar de chamar a atenção para a falta de mobilidade académica, situação que urge resolver, mesmo com algumas assimetrias no plano de estudos das instituições congéneres.

Classificação dos Campos de Apreciação¹

Campos de Apreciação	Classificação
Organização Institucional	B
Objectivos do Curso	C
Plano de Estudos	C
Conteúdos Programáticos	C
Alunos (procura, sucesso escolar)	C
Processo Pedagógico	B
Corpo Docente	C
Pessoal não Docente	B
Instalações e Equipamentos	C
Recursos Financeiros	-----
Relações Externas e Internacionalização	E
Ambiente Académico (apoio social)	C
Gestão da Qualidade	C
Empregabilidade	D

Nota: Os Níveis de Classificação atribuídos foram estabelecidos nos seguintes termos:

A – *Excelente*

B – *Muito Bom* – Sem problemas estruturantes detectados, com eventuais pequenos problemas de importância secundária para a organização e funcionamento.

C – *Bom* – Pode haver pequenos problemas de alguma relevância para a organização e funcionamento do curso, mas resolúveis ao nível do Departamento ou da Coordenação do Curso.

D – *Suficiente* – Problemas estruturantes detectados que implicam intervenção institucional de nível mais elevado, mas onde se encontra dinâmica positiva que admite a sua ultrapassagem a curto prazo.

E – *Insuficiente* – Graves deficiências, algumas de natureza estrutural, com reduzidas perspectivas de recuperação imediata.

¹ Os Campos de Apreciação e os Níveis de Classificação foram definidos com base no Guião de Avaliação Externa aprovado em Novembro de 2003 pela F.U.P. / Conselho de Avaliação.

ANEXO

TERMOS DE REFERÊNCIA

1. CARACTERIZAÇÃO DO CURSO

Objectivos e finalidades do curso. Informações sobre o contexto em que o curso foi criado. Procura do curso (condições de acesso, evolução na procura durante o período em análise). Articulação do curso de licenciatura com cursos de ensino pós-graduado da mesma área científica.

2. PLANO DE ESTUDOS

Adequação aos objectivos e finalidades do curso. Carga horária semanal. Distribuição e peso relativo das disciplinas por áreas científicas. Articulação interdisciplinar e articulação entre formação teórica e a preparação prática (exercícios de recolha de dados). Os estágios e a interacção entre a Universidade e as Instituições de acolhimento nas quais funcionam núcleos de estágio.

3. PROGRAMAS DAS DISCIPLINAS

Qualidade e coerência científico-pedagógica. Adequação aos objectivos do curso. Exequibilidade. Metodologias e estratégias de ensino. Articulações horizontais e verticais. Estratégias de desenvolvimento curricular: dinâmica de actualização no período em análise.

4. CORPO DOCENTE

Qualificação académica. Actividade pedagógica e carga lectiva semanal. Actividade científica e publicações. Actividades de extensão universitária. Actividades de gestão. Coordenação entre os professores do curso. Colaboração interdepartamental e interinstitucional. Intercâmbio internacional. Financiamento externo de projectos.

5. CORPO DISCENTE

Vocação para o curso (se os alunos têm como primeira opção). Preparação cultural e científica. Capacidades de expressão e de comunicação oral e escrita. Espírito crítico. Hábitos de leitura. Condições de estudo. Programas de apoio aos alunos em dificuldades. Mobilidade internacional.

6. GESTÃO PEDAGÓGICA DO CURSO

Órgãos e mecanismos de gestão pedagógica do curso. Representatividade dos órgãos de gestão pedagógica: participação de docentes e alunos. Articulação dos órgãos de gestão pedagógica com outros órgãos de gestão. Recursos de pessoal técnico e administrativo.

7. AVALIAÇÃO DOS CONHECIMENTOS

Modalidades e critérios, qualidade e fiabilidade dos processos de avaliação (escritos e orais). Taxas de sucesso, de retenção e de abandono. Prescrições e precedências.

8. INSTALAÇÕES

Espaços lectivos: número, tipologia, capacidades e qualidade. Espaços de Estudo, trabalho e convívio para alunos. Gabinetes para docentes e suas condições.

9. EQUIPAMENTO CIENTÍFICO-PEDAGÓGICO

Equipamento; apoio técnico; manutenção. Bibliotecas: quantidade e actualização do acervo bibliográfico; condições de acesso e utilização; espaços de leitura; horário de funcionamento. Meios informáticos. Meios audiovisuais. Laboratórios.

10. SAÍDAS PROFISSIONAIS

Adequação do curso de licenciatura e das competências e capacidades dos licenciados ao mercado de trabalho. Situação sócio-profissional dos licenciados: emprego em área directamente relacionada com o curso, emprego numa área próxima do curso; trabalho numa área totalmente diferente; taxas de desemprego. Possibilidades de articulação entre estágios e emprego.

Universidade Lusíada de Lisboa
Design Industrial

Subcomissão de Visita

Prof. Lima de Carvalho

Prof. Vítor Manaças

Prof. Vasco Branco

Prof. Rui Marcelino

Programa de visita

29 Abril

- 09.00 – 9.30 horas – Apresentação de cumprimentos e reunião com as Autoridades Académicas, Pessoal não Docente, e representantes dos Estudantes
- 9.30 – 10.30 horas – Reunião com autores do Relatório de Auto-Avaliação
- 10.30 – 11.30 horas – Reunião com Dirigentes estudantis
- 11.30 – 13.00 horas – Visita das instalações
- 13.00 – 14.30 horas – Almoço
- 14.30 – 15.30 horas – Reunião com todos os alunos ou uma selecção. (Deixado ao critério da Escola)
- 15.30 – 16.30 horas – Reunião com docentes
- 16.30 – 17.30 horas – Reunião de acesso livre a todos os membros do curso, atempada e amplamente divulgada pela Direcção do curso
- 17.30 – 18.30 horas – Reunião da CAE e consulta de elementos
- 18.30 – 19.30 horas - Apresentação verbal das conclusões preliminares às Autoridades Académicas, Comissão de Auto-Avaliação e representantes dos Estudantes